

**“PERMANECEI NO MEU AMOR!”**



Caríssimos irmãos e irmãs, com esta Carta de Pentecostes gostaria de concluir a meditação do discurso que o Papa Francisco dirigiu ao nosso Capítulo Geral em 17 de outubro de 2022, aprofundando agora o seu convite a viver a nossa vocação na grande sinfonia da Igreja.

**O coração do Ressuscitado**

No capítulo 15 do Evangelho segundo João, Jesus nos diz uma coisa extraordinária que devemos meditar constantemente: "Como o Pai me amou, também eu vos amei. Permanecei no meu amor." (Jo 15,9)

Jesus nos dá tudo. Não pode haver dom maior e mais belo do que ser amado pelo Filho como o Filho é amado pelo Pai. O dom do Espírito Santo, o dom do Pentecostes, é a comunicação deste Amor trinitário, dado a nós pelo Pai através do Filho, que anima a Igreja.

Jesus ressuscitado, aparecendo no Cenáculo na tarde do dia de Páscoa, coloca em cena este dom: «Na tarde daquele dia, o primeiro da semana, enquanto estavam fechadas as portas do lugar onde os discípulos se encontravam por medo dos judeus, Jesus veio, se colocou no meio e disse-lhes: "A paz esteja convosco!". Dito isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. E os discípulos se alegraram em ver o Senhor. Jesus disse-lhes novamente: "Paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, também eu vos envio". Dito isto, soprou e disse-lhes: "Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados serão perdoados; aqueles a quem não perdoardes, serão retidos".» (Jo 20,19-23)

Recentemente fui convidado a realizar um dia de reflexão para a vida consagrada na Lituânia, na cidade de Vilnius. Ali existe uma igreja aberta dia e noite para a adoração perpétua e ali se venera a primeira imagem de Cristo Misericordioso que apareceu a Santa Faustina Kowalska. É o ícone do Ressuscitado que apareceu na tarde de Páscoa, como o descreve o Evangelho de João. Também os nossos místicos cistercienses amavam contemplar o Senhor que da Cruz e depois da Ressurreição nos acolhe nas suas chagas sempre abertas, sinal indelével e fonte inesgotável do seu amor infinito

por nós pecadores. Naquela igreja de Vilnius percebemos que o Senhor que aparece na tarde de Páscoa permanece presente para nós, como fonte de amor, alegria e paz, soprando sobre nós e sobre o mundo o dom do Paráclito. Jesus sempre nos espera, sempre nos atrai a esta fonte, para fazer de nós também instrumentos da irradiação do seu amor misericordioso no mundo.

## **Os olhos da esposa**

Mas na cena do Cenáculo na tarde de Páscoa é claro que todo este mistério tem um vínculo inalienável com a comunidade dos discípulos e a sua unidade. Compreendemos isso graças à ausência e incredulidade de São Tomé. Jesus não quis revelar-se a Tomé em particular porque os apóstolos devem ser as primeiras testemunhas de que a forma certa da presença do Ressuscitado é a comunhão da Igreja. O segredo para ver Jesus e crer n'Ele não são as capacidades ou qualidades de uma única pessoa, mas a disponibilidade a compartilhar a fé com os irmãos. Os olhos da fé observam Cristo junto com os outros, como nos lembrava o Papa Francisco. Cada um de nós, se quiser ver o Senhor, é chamado a aderir ao olhar da Igreja, que tem os olhos de uma esposa que se enche de alegria ao ver o Esposo. Como aconteceu na tarde de Páscoa: "Os discípulos exultaram ao ver o Senhor" (Jo 20,20). Só aderindo humilde e grato a este olhar comum vivemos a fé com alegria, isto é, com amor que se alegra pelo Amado. Aderimos verdadeiramente à fé da Igreja quando ela nos permite encontrar em Jesus a alegria do coração compartilhada com os outros.

Sempre penso nisso quando vejo nossos irmãos na Etiópia vivendo a liturgia festiva cantando e dançando cheios de alegria, muitas vezes junto com o povo cristão, como experimentei recentemente em Mendida celebrando o 100º aniversário da fundação do mosteiro lazarista que depois foi confiado aos cistercienses. A missa durou quase cinco horas: uma verdadeira celebração das núpcias do Cordeiro. A alegria do Esposo era toda a beleza da esposa. Muitas vezes em nossas liturgias nos limitamos a cuidar de uma beleza formal, ou a lamentar se não podemos mais expressá-la, esquecendo que a verdadeira beleza do rosto humano é a alegria, o sorriso, não a sua forma. Jamais esquecerei o rosto de um jovem extremamente desfigurado e deformado que conheci anos atrás. Nunca vi um rosto tão bonito porque estava cheio de alegria por encontrar as pessoas. A verdadeira face do homem está em seu coração. De fato, "o homem vê a aparência, mas o Senhor vê o coração" (1 Sam 16,7).

## **Alegria sinfônica**

A alegria cristã é, portanto, sempre sinfônica. É uma alegria que cada um de nós sente se aceita ser instrumento da grande sinfonia que o Espírito Santo sempre suscita na Igreja.

Na Audiência, o Papa nos dizia que a comum observância de Cristo "comporta um compromisso constante de conversão (...) de uma comunidade *auto-referencial* para uma comunidade *extrovertida*, no bom sentido da palavra, acolhedora e missionária. É o movimento que o Espírito Santo procura sempre imprimir na Igreja, operando em cada um dos seus membros e em cada uma das suas comunidades e instituições. Um movimento que remonta ao Pentecostes, o "batismo" da Igreja. O mesmo Espírito então suscitou e suscita uma grande variedade de carismas e formas de vida, uma

grande "sinfonia". As formas são muitas, muito diferentes umas das outras, mas para fazerem parte da sinfonia eclesial devem obedecer a este movimento de saída. Não um caminho caótico, sem uma ordem particular: um caminhar juntos, todos em sintonia com o único coração da Igreja que é o amor”.

O único coração da Igreja é o amor de Cristo que une os discípulos e ao mesmo tempo os envia: «“Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio”. Dito isso, soprou e disse-lhes: “Recebei o Espírito Santo”.» (Jo 20,21-22)

A urgência que o Papa nos comunicou é a mesma que Cristo comunicou aos apóstolos e, portanto, a toda a Igreja: a de viver a nossa vocação concentrada no único amor que abraça toda a humanidade.

A metáfora da sinfonia nos ajuda a entender como isso deve acontecer, porque "sinfonia" significa tocar junto. Isso implica unidade, mas uma unidade que irradia, que ressoa, que se espalha. Na sinfonia os instrumentos tocam juntos para ressoar mais, para melhor irradiar a beleza da música. Jesus também pediu aos discípulos que se reunissem no Cenáculo para poder acolher o Espírito que imediatamente os enviou ao mundo inteiro.

Como isso deve acontecer para nossas comunidades e nossa Ordem, o podemos entender somente buscando antes de tudo a unidade, a comunhão na oração e na vida fraterna, aquela que Jesus pediu aos discípulos antes de subir ao céu: "Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, estejam também eles em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste" (Jo 17,21). Quando obedecemos a Cristo que nos pede a unidade, o Espírito Santo nos torna capazes de irradiar ao mundo a beleza do Evangelho. Quem consente a unidade em Cristo recebe do Espírito a graça de um amor universal, a graça de irradiar Cristo ao mundo.

Devemos ser gratos que a generosidade de nossos irmãos trapistas da Abadia de *Notre Dame des Neiges* transmitiu às nossas irmãs de Boulaur seu mosteiro onde entrou e permaneceu sempre ligado São Carlos de Foucauld, o santo da "fraternidade universal"! Deixemo-nos irrigar por esta preciosa seiva, tão cara ao Papa Francisco!

## **O dom da diversidade**

Por isso, todas as diferenças que nos caracterizam, o Papa nos convida a vivê-las precisamente como um convite a encontrar a unidade em Cristo e não naquilo que somos. Viver a sinfonia da Igreja significa harmonizar todas as diversidades na comunhão do único Corpo de Cristo que o Espírito vivifica.

Aqui vale a pena citar longamente o discurso de Francisco, levando a sério sua insistência neste ponto:

“Como os Doze, que estavam sempre com Jesus e caminhavam com Ele. Não foram eles que se escolheram, foi Ele que os escolheu. Não era sempre fácil estar de acordo: eram diferentes uns dos outros, cada um com as suas “arestas”, e o seu orgulho. Também nós somos assim, e também para nós não é simples caminharmos juntos em comunhão. No entanto, nunca deixa de nos surpreender e de nos dar alegria este dom que recebemos: ser a sua comunidade, como somos, não perfeitos, não uniformes, não, não assim, mas *com-vocados*, concernidos, chamados a estar e caminhar juntos atrás d’Ele, nosso Mestre e Senhor. (...)

Voltando à imagem — ou melhor, ao som — da sinfonia, propondes-vos abraçar o grande alcance missionário da Igreja, valorizando também a complementaridade entre *masculino e feminino*, bem como a *diversidade cultural* entre os membros asiáticos, africanos, latino-americanos, norte-americanos e europeus. Encorajo-vos neste caminho, que não é fácil, mas que sem dúvida pode ser uma riqueza para as comunidades e para a Ordem. Agradeço-vos o compromisso com que colaborais no esforço que toda a Igreja faz neste sentido em cada Comunidade particular: hoje, a experiência de encontrar a diversidade é um sinal dos tempos. A vossa é uma contribuição preciosa, particularmente rica, pois devido à vossa vocação contemplativa, não vos contentais em pôr em comum as diversidades a um nível superficial, mas também as viveis a nível de interioridade, de oração e de diálogo espiritual. E isto enriquece a “sinfonia” com ressonâncias mais profundas e mais generativas.”

O Papa nos lembra que as diversidades naturais, de gênero, de cultura, de raça, de temperamento, de gostos, mas também de graça e carisma, não devem ser anuladas. Porque nessas Jesus, que nos escolheu e nos chamou a viver juntos, quer nos fazer ouvir a sua voz que nos chama à comunhão no seu amor crucificado. A diversidade que instintivamente me faz sentir o meu irmão ou a minha irmã como distantes, na verdade, é um apelo de Cristo que nos convida a participar mais profundamente no amor do seu Coração.

Muitas vezes, temos que admitir, tendemos a nivelar nossas diferenças para não nos perturbar uns aos outros. No fundo queremos que todos se curvem ao que consideramos bom e agradável para nós, a todos os níveis: ideias, sensibilidade religiosa, modo de conceber a vida e a vocação, etc. Esquecemo-nos que por detrás das diferenças entre os discípulos de Cristo se escondem os caminhos e as pontes que Cristo nos chama a percorrer e a construir para estarmos mais unidos a Ele, para o seguirmos de perto, para o seguirmos juntos. O Papa nos convida a viver isso profundamente, lembrando-nos que ser contemplativos não significa fugir dos outros, mas viver as relações com a profundidade do coração e do amor que Cristo nos insufla dando-nos o seu Espírito. Quantas comunidades se dividem ou, pior ainda, vivem relações de indiferença, por medo de percorrer o caminho rumo ao coração de Cristo que sempre cada irmão e cada irmã é para cada um de nós!

Que mistério pensar que o Senhor é amigo pessoal de cada criatura humana, que para Ele cada discípulo é "o discípulo amado", que por cada homem Cristo derramou todo o seu sangue! Talvez deveríamos pedir ao Espírito que primeiro nos revelasse o carinho de Jesus por cada irmão e irmã com quem convivemos, especialmente se não gostamos deles.

### **As primeiras notas de esperança**

Muitos de nós podemos nos perguntar: “Sim, é bonito falar de uma sinfonia de comunhão. Mas em comunidades e situações onde parecemos reduzidos ao extremo, como podemos tocar uma sinfonia que irradia a alegria e a beleza de Cristo?”

Talvez é precisamente por me fazer muitas vezes estas perguntas, a respeito de mim ou das comunidades que visito e acompanho, que particularmente me tocou na liturgia

a leitura dos Atos dos Apóstolos que narram a prisão de Paulo e Silas em Filipos (cf. At 16,22-34). A multidão se levantou contra eles, e os magistrados os espancaram violentamente, depois os jogaram no fundo de uma prisão com os pés presos no tronco. É difícil imaginar uma situação física e moral mais deprimente do que esta. Quem sabe quanta dor em todos os membros espancados, pelas escoriações causadas na pele nua! Quem sabe que condições higiênicas deviam reinar naquela prisão! Quem sabe que companhia obscura os outros prisioneiros devem ter sido!

Mas do fundo desta total pobreza humana, Paulo e Silas começam a cantar hinos a Deus, iniciam uma sinfonia sagrada. Eles não pararam para reclamar de sua situação e condição, de suas feridas e das injustiças que sofreram. Não pensaram nem mesmo em se entregar a um merecido descanso. Começaram a cantar e orar juntos no meio da noite. Imagino que a qualidade daquele canto não deveria ter sido boa. E, no entanto, seus companheiros de prisão, certamente homens de pouca cultura musical e religiosa, não começaram a gritar e xingar para parar de perturbar seu sono. “Por volta da meia-noite, Paulo e Silas cantavam hinos a Deus em oração, enquanto os presos os escutavam” (At 16,25). O canto dos dois discípulos atrai seus companheiros, atrai seus corações ásperos, oprimidos pelo vício e corroídos por sabe-se lá que remorsos. Neles desperta o coração humano feito para Deus, feito para o amor, a pureza, a paz, o bem, a amizade. Mesmo sem cantar, seus corações se unem a sinfonia dos dois irmãos cristãos jogados tão violentamente para compartilhar sua triste situação. A continuação do episódio – o terremoto que solta todos os presos abrindo todas as portas, a conversão e o batismo do guardião que se torna cristão com toda a sua família, o banquete festivo e provavelmente também eucarístico – nada mais é do que o ressoar da sinfonia iniciada pelos dois apóstolos quando simplesmente começaram a cantar juntos no escuro daquela noite ruim. Mas no coração dos prisioneiros conquistados pelo canto cristão já existe todo o mundo humano ao qual Cristo veio trazer o Evangelho. Já quando aqueles prisioneiros começaram a ouvir Paulo e Silas, a missão dos dois apóstolos havia chegado aos confins do mundo e da história, porque esses confins estão em nossos corações de pecadores que Cristo veio amar e salvar, para conduzir a Pai.

Eis, basta começar a compartilhar fraternalmente entre nós, como Paulo e Silas, a oração e o louvor a Deus para dar início uma sinfonia que alcança os confins do mundo. É esta a verdadeira e eterna fecundidade da nossa vida e da nossa vocação. É isso, como nos dizia o Papa Francisco, que “enriquece a “sinfonia” com ressonâncias mais profundas e mais generativas”.

Peçamos este dom ao Espírito Santo, com Maria e os discípulos reunidos no Cenáculo, para redescobrir uma fecundidade nova e cheia de esperança no viver a nossa vocação e missão na Igreja e para toda a humanidade!



Ir. Mauro-Giuseppe Lepori OCist